

Intelectuais e web 2.0/3.0 como pensar, no 3º milênio, a utopia do intelectual

Pedro de Andrade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ANDRADE, P. Intelectuais e web 2.0/3.0: como pensar, no 3º milênio, a utopia do intelectual. In: SOUSA, C. M., org. *Um convite à utopia* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Um convite à utopia collection, vol. 1, pp. 365-398. ISBN: 978-85-7879-488-0. Available from: doi: [10.7476/9788578794880.0011](https://doi.org/10.7476/9788578794880.0011). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTELECTUAIS E WEB 2.0/3.0: COMO PENSAR, NO 3º MILÊNIO, A UTOPIA DO INTELLECTUAL¹

*Pedro de Andrade*²

Introdução

Na actual conjuntura de globalização da informação, os *media* apresentam uma natureza não apenas convergente, mas também indefinidamente fluida, infinitamente híbrida, e surpreendentemente camaleónica. Arjun Appadurai fala de ‘paisagens dos media’ ou *mediascapes*, para significar o papel que os media electrónicos ocupam na produção e difusão de fluxos de cultura e de imagens globais. Neste contexto planetário da informação e do conhecimento, os intelectuais definem-se, antes de mais, enquanto **‘intelectuais mediáticos’**, na medida em que, quase obsessivamente, como se verá, procuram intervir nos media ou são por eles, cada vez mais, convocados. Entretanto, ao fazê-lo, confrontam-se com modos de acção e de reflexão inéditos e algo perturbadores.

1 Texto produzido especialmente para a Coleção *Convite*. Por decisão dos editores, e em homenagem aos utopistas portugueses, o texto se mantém conforme os parâmetros linguísticos do Português de Portugal.

2 Doutor em Sociologia da Cultura e Comunicação e Professor do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

Afim de captar esta realidade complexa, por um lado apontarei algumas notas, ou *posts* um pouco à maneira da blogosfera, mas desta vez usando aquilo que se poderá nomear **posts teóricos**. Para além disso, apresentarei um estudo de caso empírico sobre uma das múltiplas arenas de actuação possível do intelectual, o ciberespaço e, em especial, a cena da Web 2.0 (ou Web Social) ou da Web 3.0 (ou Web Social-Semântica).

Como se sabe, a **Web 2.0** funda-se em 3 parâmetros centrais:

- (a) o software utilizado pelo infonauta pode ser acedido colectivamente (*social software*);
- (b) o usuário da Web 2.0 é um *utilizador-produtor*, ou seja, não apenas leitor mas igualmente um escritor que participa activamente na construção, reconstrução e desconstrução dos conteúdos;
- (c) e fá-lo tendo em vista a emissão e recepção de uma *informação partilhada*, nomeadamente no seio de redes sociais digitais.

Daí que a Web 2.0 tenha sido denominada, amiúde, como uma *reading-writing internet*.

No entanto, hoje encontramos-nos imersos numa inédita encarnação da internet, a Web 3.0. Nos seus sites e redes, *a informação transforma-se em conhecimento partilhado*, de maneira muito mais profunda daquilo que acontece na Web 2.0. Veremos como isto se processa no estudo de caso apresentado abaixo.

Dez posts sobre o intelectual no seio das redes sociais pré-digitais e digitais

Começemos por aspectos mais abrangentes da reflexão sobre o intelectual, como as questões sobre os espaços e os tempos sociais e públicos nos quais o intelectual intervém, para podermos entender

melhor o campo dos media e o poder subjacente, a cultura mediática ou os novos desafios introduzidos pelos media digitais.

Post 1. Espaço social e público da *intelligentsia*

A visibilidade sócio-cultural do intelectual obedece a condições específicas de desenvolvimento da sociedade, da cultura e dos próprios media. Gerard Leclerc (2003) questiona a pertença deste actor a certas classes ou grupos sociais, a sua realidade estatística ou as redes de afinidades em seu torno.

Para além de uma tal **sociologia da intelectual** ainda a desenvolver, é urgente circunscrever a **economia da *intelligentsia***. A sua inserção sócio-económica revela uma situação muitas vezes difícil, representada na figura social do **intelectual precário** ‘*intello précaire*’, conceito forjado por Anne e Marine Rambach (2001). O trabalhador intelectual insere-se por vezes numa lógica liberal, onde a precaridade se mostra orgânica, mesmo para profissionais competentes e polivalentes. O intelectual pertence a um segmento de consumidor muito específico. Este nicho é hiperactivo na aquisição de bens e serviços culturais, e desvaloriza o consumo tradicional de bens domésticos (habitação, alimentação, etc.).

Por seu lado, Thomas Bender (1997) alega que a organização da vida intelectual é um produto da **História**, e não apenas decorrente da lógica do desenvolvimento social ou do conhecimento em si. Em particular, as relações entre a Academia e a cultura urbana encontram-se em plena mudança. Ou seja, os intelectuais universitários incorporam grandes tensões quando confrontam a sua vida profissional com a experiência da cidadania. Segundo o autor, os intelectuais americanos sofreram, desde o século XIX, um processo de intensa especialização profissional e autonomização, no

quadro da sua acção em termos de discussão pública de questões de interesse geral. Após a demissão da noção republicana da esfera pública, emerge uma versão mais pluralista do espaço público, em articulação com a revisitação de teorias pragmáticas da verdade. Esta tendência, de acordo com Bender, conduz a uma mais profunda colaboração entre a democracia e os intelectuais.

Outra via de interpretação possível é uma espécie de **antropologia da *intelligentsia***. O intelectual tradicional refugiou-se frequentemente na incompatibilidade entre viver e pensar, de acordo com François Negroni (2006). Com efeito, Durkheim e Bergson recolhiam-se na intimidade e sacrifício do seu trabalho intelectual. Todavia, principalmente a partir dos anos 30 do século XX, a cena modifica-se. Os existencialistas dão o tom, cultivando a exposição pública das ideias no café e noutros locais públicos informais ou festivos. Os jovens intelectuais dos anos 60 articularam a discussão com o amor livre. Nos anos 80 e 90, o intelectual reconhece-se sobretudo através da figura de estrela mediática, exibindo um ‘look cultural’ ao pronunciar-se sobre assuntos que vão desde o Afeganistão até à opinião sobre uma receita culinária. Assim fazendo, este agente poderá mesmo eclipsar os escritores e artistas, os seus antigos rivais enquanto paradigma cultural e existencial, segundo Negroni.

Em Portugal, um tal fenómeno de *mix* mediático é visível, por exemplo, na necessidade, que muitas figuras da cultura exibiram nestes últimos anos, em opinar sobre o futebol ou acerca de outros assuntos de interesse geral menos legitimados como ‘sérios’, e que proporcionam uma ‘votação’ pública não nas ideias expressas, mas em quem as exprime. De alguma forma, oscilamos hoje entre uma democracia política e uma democracia mediática.

Post 2. Tempo social e público dos media, sociedade da investigação e cibertempo

Se passarmos agora para a dimensão das temporalidades públicas dos media, repare-se, antes de mais, que o século XX foi apelidado o ‘século dos intelectuais’. Michel Winock (2006) sustenta que essa genealogia da *intelligentsia* funda-se mais numa sucessão de afrontamentos, ódios e amizades, do que numa história de pessoas, de ideias e de obras.

Presentemente, as actuações dos profissionais dos media e de outros agentes e *gatekeepers* envolvidos nas redes dos media, nas quais o intelectual se insere, registam cumplicidades, mas igualmente confrontações inéditas. Por exemplo, cada vez mais o jornalista (e não apenas o jornalista de investigação) assume-se como um sociólogo a curto prazo. Da mesma forma, o sociólogo afirma-se, paulatinamente, enquanto jornalista a médio prazo. De facto, encontramos-nos hoje imersos não apenas numa sociedade da informação, mas igualmente numa **sociedade da investigação e do jornalismo** (Andrade, 2008).

Nesta sociedade da investigação e do jornalismo, todos temos acesso (pelo menos em princípio) a meios de recolha da informação de natureza jornalística em 1ª mão, por exemplo por meio de telemóveis, como se passou no atentado na estação ferroviária de Atocha, em Madrid e no ano de 2004. Mas, para além disso, todos podemos fazer pesquisa (também numa primeira aproximação), inclusive investigação científica, por exemplo através de alguns dos instrumentos da Web 2.0, como o Google.

Por outro lado, no seio da problemática do tempo dos media, não podemos reduzir o ciberespaço a ele mesmo, mas é necessário confrontá-lo, incessantemente, ao **cibertempo**, organicamente inerente ao ciberespaço. O cibertempo consiste no conjunto de temporalidades, de natureza múltipla, activadas pelo infonauta durante a navegação no ciberespaço. Como ilustração da versatilidade e virtualidades do cibertempo, confronte-se o tempo diferido da web page de um professor, com o compasso diário do blogue

de um investigador ou com o ritmo imediatista, em tempo real, de um *chat* ou de uma ligação dem *Skype*, entre dois ou mais jornalistas (Andrade, 1996, 1997, 2008).

Post 3. Campo dos media e poder intelectual

O espaço e o tempo públicos de co-presença entre atores sociais, atrás referidos, ou as suas versões digitais (o ciberespaço e o cibertempo), influem no campo dos media. O campo social é um conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, que o entende como um espaço reticular (em rede) de poder, onde os agentes sociais utilizam diversos tipos de capital (económico, social, cultural, intelectual, simbólico, etc.), em vista à manutenção ou obtenção desse mesmo poder, ao longo do tempo das suas vidas. Ora, o campo social dos media alargou-se extraordinariamente nas últimas décadas. Daí que as prioridades tradicionais dos *Media Studies* também se tenham metamorfoseado inexoravelmente.

Por exemplo, as relações de poder tecidas pelos agentes que subjazem ao campo dos media, em particular o **poder intelectual** mantido ou disputado pelos intelectuais mediáticos, apresentam hoje traços inéditos. Nesta perspectiva, a variante Francesa do poder intelectual foi analisada extensivamente por Régis Débray (1986).

Nas sociedades contemporâneas, o poder intelectual funda-se em redes nunca dantes vistas. Emmanuel Lemieux (2003) refere a necessidade de evolução do intelectual em vista à sua própria sobrevivência. Ou seja, este agente cultural deve intervir nos media, investindo mais na postura do que nas ideias, preferindo a palavra ao pensamento, e preocupando-se mais intensamente com a opinião pública do que com a ideologia. O autor estabelece uma tipologia dos novos intelectuais que polulam nas redes de influência mediáticas: os ‘mediacratas’, os ‘especialistas’, os ‘oráculos’, os

‘universitários’, os ‘seminaristas’, os ‘comunistas órfãos’, os ‘bourdieusiens’, os ‘intelectuais ministeriais’, os ‘novos predicadores islamistas’, os ‘néo-reacionários’, etc.

Post 4. Cultura mediática: a representação dos intelectuais e sua utilização dos media.

Edward Said (1996) escreveu uma obra de referência sobre as representações do intelectual. Para ele, isso significa duas coisas: a representação de uma ideia para um público, bem como a representação da imagem do próprio intelectual. O autor defende o acto de falar em si próprio, ao sugerir que o intelectual deverá manter um cepticismo vigilante sobre qualquer saber consolidado. Nesta óptica, Said exprime algumas reservas em relação ao perito, que veicula um saber objectivo ou de aconselhamento para um governo, empresa, organização mediática ou política, etc. Prefere antes uma perspectiva do intelectual enquanto marginal, mesmo amador, autor de uma linguagem que pretende falar a verdade ao poder. No fundo, Said visa reconciliar a independência do intelectual ao seu compromisso necessário.

Já reparámos que os media constituem um lugar privilegiado para a intervenção dos intelectuais na esfera pública e, em particular, na esfera política, como se sabe desde o célebre Affaire Dreyfus. Numa tal participação, de acordo com Antoine Spire e Judith Wolf (1996), mostra-se central avaliar qual a ‘justa distância’ que o intelectual e o artista mantêm ou deverão traçar com a política. Os percursos dos intelectuais interpelados no *medium* específico que constitui este livro dos 2 autores, exibem diferentes mas estimulantes perspectivas acerca dessa interrogação, através dos testemunhos de Edgar Morin, Roland Castro, Jean-Pierre Vernant, entre outros.

Em diversos assuntos para além da política, nos nossos dias, o **‘intelectual de media’** (Buxton et al, 2006), ocupa uma posição central, por ex. nas figuras de comentador, editorialista, ensaísta ou filósofo. Note-se que, nesta reflexão, os autores ocupam-se mais dos media ‘clássicos’ (não-digitais), ao referirem que os julgamentos de valor são monopolizados por uma minoria de especialistas.

Entretanto, muitos mediadores que desenvolvem a sua acção em instituições não propriamente mediáticas à partida, como as universidades ou o mundo da arte, só o serão plenamente se souberem utilizar os *mass media* mais legitimados, como os jornais ou a televisão. Por exemplo, Claude Jaeglé (2007) procura instruir diversos tipos de intelectuais e artistas na difícil arte de comunicar com os jornalistas, no âmbito da construção da sua imagem pública, através dos referidos *mass media* ‘clássicos’.

Por seu lado, o **intelectual público** constitui um outro modo de representação dos intelectuais nos campos dos media e da cultura, não necessariamente coincidente com o intelectual de media acima referido. John Michael (2000) defende que a democracia não se afigura viável sem a participação dos intelectuais, na sua tripla valência de crítico da sociedade e da cultura, de cientista e de profissional do saber. O autor alega que a intelectualidade originada no Iluminismo encerra uma complexidade onde sobressaem a ambivalência, a ansiedade, a projecção, a identificação e a hibridade. O discurso público da modernidade é assim composto não só de razão, justiça e igualdade, mas igualmente inclui o multiculturalismo, o relativismo e um saber multidisciplinar.

Este conceito de ‘intelectual público’ é retomado por Richard Posner (2003), que o define como um comentador crítico, que se dirige a audiências não especializadas, sobre assuntos de interesse público geral. O autor distinção os indicadores sociais da notoriedade do intelectual, por ex. as menções em media impressos, os

livros vendidos, o nº de visitas em páginas da Internet. Estabelece ainda uma tipologia dos intelectuais, como o crítico literário politicamente inclinado, entre outros. Após várias análises teóricas e estatísticas dos seus dados, Posner conclui que o intelectual público atual encontra-se em declínio, na medida em que poucos dos seus representantes conseguem uma pontuação elevada nos indicadores selecionados ou em categorias tomadas como referência, como o temperamento, a perspectiva, o carácter ou o conhecimento. Para além disso, a proliferação de novos media suscita a necessidade de mais cabeças pensantes. Mas a combinação desta urgência mediática com as insuficiências do intelectual provocou, nas últimas décadas, um discurso público inadequado. Por exemplo, na televisão por cabo, o volume da informação substitui a razão, nos debates públicos. Outro motivo desta decadência, segundo o autor, é o hábito de os intelectuais falarem em assuntos fora do seu domínio.

Post 5. Papel do intelectual: crítica e/ou autismo público?

Retomemos a genealogia sócio-cultural do intelectual, para melhor entender a questão específica do seu papel e estatuto actuais, positivos ou negativos, aclamados ou contestados. Pierre Bourdieu (1996) delinea a figura do **'intelectual total'**, baseando-se no paradigma fundado por Jean-Paul Sartre desde os anos 50 do século passado. Trata-se de uma personagem cultural e mediática cujo 'capital intelectual' abrange competências em diversas áreas do saber, como a Filosofia, a teoria, a crítica e a autoria literárias, etc.

De alguma forma, Noam Chomsky aparece hoje enquanto herdeiro desta concepção de compromisso, e mesmo militante, do intelectual, mas aplicada à sociedade actual, e à sociedade da informação em particular. Chomsky (1998) interroga se é possível

formular um julgamento justo na base de informações falsas. Assim, este linguista com preocupações políticas, insiste mais nos paralelos e ilações que se podem deduzir dos factos, do que nos dados em si. Por exemplo, qual o modo de representação, por parte da *intelligentsia* Ocidental, dos conflitos ocorridos no estrangeiro? Chomsky conclui que existe hoje um obscurantismo não tanto religioso, mas científico, fundado na negação dos factos reais que se oponham às teorias estabelecidas. Numa tal conjuntura, o papel do intelectual consiste em usar a sua respeitabilidade para lutar contra aquele obscurantismo científico.

Outro papel do intelectual, para além da intervenção pública no espaço nacional ou global, é a participação naquilo que Habermas nomeia '**esfera semi-pública**'. É o caso de certas instituições organizações ou associações de mediação, mas que efectuem a difusão da informação ou do saber em territórios algo circunscritos, como o campus universitário ou os espaços semi-privados dos sindicatos. Neta arena, Henry Giroux (1988) defende que os professores e o restante pessoal das instituições educativas se tornem intelectuais, a partir de um maior envolvimento, sentido de transformação e procura de *empowerment* de si próprios e dos seus alunos. O resultado desta postura será a proposta de pedagogias contra-hegemónicas, que preparem os estudantes para a vida profissional, enquanto agentes transformadores simultaneamente dos locais de trabalho e da sociedade em geral.

Actualmente, o intelectual exhibe uma **pluralidade** ainda mais diversificada, em termos de figuras, posturas e trajectórias, no seio do espaço público, lugar de eleição dos seus modos de acção (Kouvouama et al, 2007). As suas produções polimórficas fundam-se num saber crítico, que opina tipicamente, entre outros assuntos, sobre a democracia, o plano ético na intenção e exigência da verdade, a prática do diálogo e o reconhecimento do Outro.

No entanto, por vezes, o intelectual interventor nos media ocupa esse território de um modo abusivo, segundo Nicolas Beau e Olivier Toscer (2006). Os 2 autores notam que essa prática é perfeitamente simbolizada por Bernard-Henry Lévy, que se instituiu, pela via mediática e pela gestão cuidada da sua própria imagem, como o **'pensador nacional'** Francês por definição. Aliás, este 'novo filósofo', como que a preparar o terreno para esse papel, escrevera, no final dos anos 80, um livro sobre o protagonismo dos intelectuais (1988).

Outra deriva ou desvio intelectual é o **terrorismo intelectual**, de acordo com Jean Sévillia, (2004). É como se apenas uma minoria de pensadores detivesse a posse da verdade única, e postulasse arbitrariamente as exclusões necessárias para a manutenção do poder daquela elite. O autor identifica várias metodologias de marginalização e descrédito dos 'dissidentes', como a amálgama, o processo de intenção e a caça à bruxas. Esta situação de terrorismo intelectual engendra o fim do verdadeiro debate.

Ainda uma variante do abuso dos *clercs* consiste na figura da **impostura intelectual**. Neste aspecto, o livro de Alan Sokal e Jean Bricmont (1999) suscitou uma discussão acesa nos media globais. Os autores constestavam essencialmente o relativismo pós-moderno, em termos de uma aparente erudição científica que ocultava um amadorismo errático e até uma posição política conservadora. Os mais visados são alguns dos mais preminentes analistas da pós-modernidade, especialmente intelectuais Franceses oriundos de diversas disciplinas das Ciências Humanas. Resta saber se a principal motivação deste processo acusatório não se deve precisamente ao protagonismo inesperado das Ciências Sociais na arena global das *Science Wars*, e a correspondente ameaça à hegemonia das Ciências Exactas neste plano.

De qualquer modo, será que o conjunto dos diversos excessos do poder do saber poderão ser nomeados, contraditoriamente, **‘autismo público’**? Com efeito, muitas destas derrapagens exibem posturas narcísicas, voltadas para si próprias, mas igualmente endereçadas a segmentos específicos de público e de audiências, no seio da esfera e do espaço públicos planetários.

Post 6. A nova morte do intelectual (ou quantas vidas ele tem)?

Entretanto, uma tal versatilidade do intelectual pode esconder um esgotamento das suas virtualidades. Já Sartre colocava a questão da possível **‘morte do intelectual’**, ou pelo menos da sua versão de *‘intellectuel engagé’*. Também Bourdieu se questionou sobre a eficácia do intelectual, que ligeiramente ignorava os excessos do Goulag ou do socialismo na União Soviética. Tais derivações perversas do socialismo já tinham sido debatidas por Cornelius Castoriadis e por outros intelectuais na revista *Socialisme ou Barbarie*, no final dos anos 50 do século XX.

Muitos outros intelectuais partilham esta auto-crítica, como Michel Foucault, que aludiu ao **fim dos filósofos**. De seu lado, Baudrillard (1982) defende o **fim do social e dos próprios políticos**, na medida em que as sociedades actuais e a modernidade são fundadas em maiorias silenciosas, constituídas pela ‘massa’, essa entidade neutra, implosiva, inerte, má condutora do social, do político e do próprio sentido, e cujo modo de aparição, tipicamente estatístico, é a sondagem..

Mais recentemente, Jean-François Lyotard retoma este desassossego, na sua obra *Tombeau de l’Intellectuel* (1984). O autor argumenta que, na pós-modernidade, era da dissolução das grandes narrativas e dos discursos ‘absolutos’ e ‘universais’, o intelectual

perde a sua razão de ser, precisamente porque já não existem as grandes ideias e causas que comentava, em termos da sua adesão ou crítica. Mas quem virá preencher este espaço vazio? Lyotard responde que são os novos quadros que exercem profissionalmente a inteligência, não enquanto sujeitos universais, mas em vista à realização das melhores performances possíveis.

Por seu turno, Régis Debray (2000) advogou igualmente a inutilidade do intelectual, em particular do I.F (intelectual Francês), e a sua passagem de I.O (o **intelectual original** Émile Zola) para o I.T. (**intelectual terminal**). Tal metamorfose fundamenta-se no facto de que este agente social, nas últimas décadas, sofreu uma acentuada perda de prestígio, devido a gritantes equívocos em diagnósticos sobre política mundial.

Recentemente, Eric Méchoulan (2005) tenta propôr uma alternativa ao **crepúsculo dos intelectuais**. Parte igualmente da constatação do esgotamento do paradigma do intelectual, cujos excessos mais frequentes são o delírio da interpretação ou a própria tirania da clareza. Dai decorre a tendência ao anti-intelectualismo, que encontra hoje um aliado inesperado em certas dimensões da sociedade da informação. Por isso, deverá ser cultivado um sentido das *nuances*, pelo intelectual face aos jornalista, ou pelo saber face à informação. Se a figura social do intelectual desaparecer, a inteligência poderá sempre subsistir em outras formas. Por exemplo, através de um novo tipo de leitura por parte de um leitor mais activo, que Méchoulan apelida de **intelector** (*intellecteur*).

Afinal, se um dito Português defende que um gato tem sete vidas, a quantas mortes e novas vidas consegue o intelectual sobreviver?

Post 7. Media electrónicos e digitais: Reabilitação ou superação do intelectual especialista?

Quanto à relação entre saber e informação, tem existido, há muito, um mixto de cumplicidade e de tensão ente universitários e jornalistas. Geoffroy de Lagasnerie (2007) reporta que, por um lado, autores como Foucault, Deleuze e Derrida apoiaram-se em instituições fora da Academia, e nos *massmedia* impressos em particular, para difundirem as suas ideias contra o academismo universitário. Mas, por outro lado, muitos intelectuais insurgiram-se com as novas condições de circulação do saber, que muitos media subscreviam. Por exemplo, o livro de Bourdieu *Sur la Télévision*, em 1996, causou um vivo debate sobre este assunto, ao recusar, para o jornalismo, o direito de avaliar a produção intelectual. Por outras palavras, defender o pensamento implicaria defender a autonomia universitária. Contudo, uma solução possível seria, para Lagasnerie, apoiando-se em Bourdieu, a aliança entre o pensamento crítico e as palavras ‘heréticas’. É quase como se o intelectual ficasse reabilitado por meio de alguma adesão (ou por vezes promiscuidade) aos media.

Uma alternativa a esta reconversão do intelectual, em termos da sua superação em algo nunca dantes vislumbrado, poderá passar-se no ciberespaço e no cibertempo. O debate sobre as actividades intelectuais nos media digitais aponta para direcções diversas, que se torna urgente descodificar. Uma delas é a questão da propriedade intelectual na sociedade da informação (Janssens, 1999). No mundo das TIC, a discussão sobre a propriedade intelectual torna-se ainda mais premente, devido à facilidade de cópia dos conteúdos. Nesta perspectiva, pareceria que a ausência de propriedade em relação ao código de escrita dos softwares, como sucede na proposta do software *open source*, seria a solução ideal. Contudo, mesmo neste contexto, ocorre ainda perguntar qual a articulação possível e desejável entre a propriedade intelectual e o *open source*. Mais concretamente: quando começa o trabalho de um participante nesse

código comum e quando termina ou se sustém? E como guardar um segredo comercial nestas condições? Estas são algumas das interrogações avançadas por V. Lindberg num livro recente (2008).

Outra dúvida, ainda mais problemática e inexplorada, incide na natureza do intelectual na idade da **Web 2.0**. Neste contexto digital recente, a referida proliferação das figuras sociais da intelectualidade surge contemporaneamente a uma mudança no sentido da relação entre o intelectual, o cidadão comum e o conhecimento não-especialista. Como mencionámos atrás, a partir do acesso expedito de um telemóvel aos instrumentos ‘sociais’ da Web 2.0 (por exemplo, a escrita e a leitura de lugares da Internet como os blogues, serviços RSS, etc.), qualquer cidadão se pode converter, embora parcialmente, num ‘**cidadão jornalista**’. Esta prática teve origem, em grande parte, na prática das ‘**reportagens comuns**’, ou seja as descrições e narrações operadas por cidadãos comuns desde o ataque à estação central de combóios Atocha em Madrid em 2004, muitas vezes em direto e antes dos próprios jornalistas profissionais (Andrade, 2008).

Desenvolvamos estas considerações no quadro dos seus efeitos sociais globais. Uma primeira consequência da proliferação recente de tais práticas, em termos de planetarização das redes de informação, é a chamada **sociedade do jornalismo**. Trata-se possivelmente de um paradigma social e comunicativo inédito, na medida em que, ao usar boas práticas de cidadania participativa através da internet móvel e do *social bookmarking*, produz uma espécie de ‘**cidadãos jornalistas**’ (*Idem, Ibidem*).

Uma segunda consequência das considerações anteriores é a seguinte: em termos da reflexão sobre os media, entre outras classificações dos programas de pesquisa dos *Communication Studies*, já não faz muito sentido utilizar, por ex., a divisão tripartida entre: comunicação interpessoal em co-presença; mass media clássicos;

e media digitais. Hoje, os espaços sociais de mediação, e os media digitais em especial, apresentam-se essencialmente enquanto **media híbridos**. Por exemplo, a **co-presença virtual**, herdeira problemática da co-presença física, constitui um traço central da experiência no ciberespaço, como nos *chats*, no *Skype* ou noutras comunicações síncronas. No plano da reflexão sobre esta realidade social globalizada, as próprias taxonomias, classificações e conceptualizações científicas forjadas no dealbar da modernidade, transmutam-se hoje em ‘folksnomias’, isto é, organizações conceptuais dos conteúdos informativos, em grande parte produzidas pelo utilizador comum, por exemplo através do *social bookmarking* em sitios fundadores como o site *Del-Ício-Us*.

Post 8: a emergência da Web 3.0 e o novo *knowledge turn*

Uma tal sociedade da investigação e a hibridação dos media conduz-nos diretamente à emergência inexorável da Web 3.0 ou rede social-semântica. Por forma a entender esta nova conjuntura social, consideremos o seguinte: o utilizador ordinário dos wikis e de outros instrumentos da Web 3.0 (como o site *Freebase*) encontra e constrói, no próprio momento de visita àqueles sítios da Internet, **novas configurações do saber**, distintas das organizações de significado mais frequentemente usadas hoje em dia na Web 2.0, que não raras vezes se reduzem a *descrições* (por ex. a informação sobre os espaços sociais, como os lugares visitados em férias) e as *narrações* (informação acerca dos tempos sociais: eventos excepcionais, etc.).

Assim sendo, para muitos utilizadores da Web Social/Web 2.0, seja no *Facebook*, no *Twitter* ou no *Instagram*, de alguma forma a rede funciona enquanto ‘social’ meramente em sentido restrito. Por seu lado, a Web Social-Semântica/Web 2.0 (mais frequente e

profundamente do que sucede na Web 2.0), serve-se de classificações, explicações e interpretações, entre outras configurações do saber mais exigentes. Ou seja, a rede social- semântica tem tendência a desvelar-se mais socialmente crítica do que a Web 2.0, adquirindo, por esta via e algo curiosamente, um sentido mais socializador, na medida em que, para além da informação, permite a partilha mais profunda de um conhecimento crítico. Assim sendo, uma tal conjuntura do início do terceiro milénio sugere um **knowledge turn** de natureza não apenas social, mas simultaneamente social e semântica, que encerra consequências ainda imprevisíveis.

Dito de outro modo, para além do novo papel do ‘**cidadão jornalista**’, emerge hoje um novo tipo de ator social, o ‘**cidadão investigador**’ (Andrade, 2007). A figura do ‘cientista comum’ (*lay scientist*) já tinha sido, em parte, preconizada por Albert Schutz, quando este sociólogo falava dos ‘conceitos comuns’. De um modo mais abrangente, neste caso ou ainda na atuação de outros membros da *intelligentsia* interventora no espaço público digital, deparamo-nos hoje com a figura inédita do **intelectual comum** (*lay intellectual*), um agente social não especialista do conhecimento, mas experiente na panóplia dos novos saberes descentralizados.

Um estudo mais recente sobre reportagens comuns opera a tradução das fontes de informação destas reportagens em **conhecimento e conceitos comuns**, situando-se, deste modo, no seio do paradigma do *knowledge turn* social e semântico. Trata-se de um livro que analisa as lutas políticas no Portugal atual em plena crise económica, social e cultural, em especial a resistência e crítica contra a **austeritocracia** que subjaz à política Europeia defensora da austeridade. Num primeiro momento, o fenómeno das lutas sociais nomeadas ‘marés’ foram reportados e auto-analisados por cidadãos comuns que nelas participaram, através de 3 modos de comunicação: a *comunicação em co-presença* (murais, graffiti, manifestações); a

comunicação nos mass media 'clássicos' (jornais, televisão); a *comunicação digital* (redes sociais digitais). Uma segunda análise de tais confrontos foi efetuada por um sociólogo (Andrade, 2015), por meio de um livro experimental, nomeado ***Sociological Comics***. Trata-se de uma 'banda desenhada sociológica' que considera a manifestação política como um método sociológico, e desenvolve questões e hipóteses baseadas tanto no sentido social dessas lutas quanto nos seus significados semânticos mais profundos. Assim sendo, o livro assume-se como uma obra da era da sociedade da investigação e da Web 3.0, onde a pesquisa é levada a cabo tanto por especialistas como um cientista social, quanto pelos cidadãos comuns.

Neste contexto emergente, e em particular, a estruturação das ideias e dos conceitos utiliza instrumentos do pensamento para além das dicotomias, taxonomias e hierarquias, que constituem algumas das estruturas hegemónicas da reflexão racionalista moderna, herdeira directa da lógica formal de Aristóteles ou de Descartes. Por exemplo, no seio da conjuntura intelectual recente, as chamadas '**transcotomias**' constituem configurações concetuais do pensamento que têm operado uma articulação de diversificados modos ou tipos de lógicas, podendo investir simultaneamente, para além das lógicas formais e dialéticas, nas lógicas booleanas, nas lógicas *fuzzy* da Inteligência Artificial, etc. Repare-se nas seguintes formas de transcotomias possíveis, entre outras (Andrade, 2008):

- (a) as **pluricotomias sociais**: trata-se de estruturas sócio-conceptuais que utilizam não só 2 pólos conceptuais opostos, como as dicotomias, mas 3 ou mais. A tríade, definida por Georg Simmel, ou seja, o grupo social subjacente à família triangular moderna, é um exemplo disso mesmo. Mas existem outras tricotomias no ciberespaço e no cibertempo actuais. No plano das práticas, o software social esbate a oposição dicotómica, antes muito manifesta, entre o produtor e o utilizador de conteúdos,

no seio das redes de informação (Web 2.0) e das redes de conhecimento (Web 3.0). Por seu lado, no plano do discurso, os sites da Web 2.0 usam *tags* (i.e., palavras-chave definidas pelo utilizador comum), que não são necessariamente opostos entre si. No caso da Web 3.0, estas palavras-chave de senso comum encontram-se organizados em **redes sócio-conceptuais mediadoras**, que manifestam relações hierárquicas, sinonímicas, associativas, ou outras.

- (b) as **híbricotomias sociais**: são configurações sócio-conceptuais que misturam duas ou mais formas da natureza, como o animado e o inanimado. Na Web 2.0, estas maneiras de agir, de pensar e de imaginar revelam-se muito nítidas em mundos virtuais como o *Second Life*. Aí, o corpo real, físico, não se entende nem funciona sem o seu *avatar*, ou agente social virtual em rede, ambos edificando uma personalidade híbrida do utilizador da Web 2.0. Com efeito, qualquer um de nós pode ter não só um duplo, um sócia, ou um alter-ego, mas vários, o que permite actuar e pensar o mundo para além do reducionismo dicotómico. Afinal, neste contexto de 3-D colaborativo, já não se sabe quem é o sujeito de quê, nem o que é o objecto de quem. Nas redes sociais-semânticas, estas ações e ideias híbridas desenvolvem-se de maneiras inesperadas.

Assim sendo, e em suma, a cena da comunicação e a natureza do intelectual transformam-se profundamente com o advento dos paradigmas de comunicação difundidos pela Web 2.0, e ainda mais pela Web 3.0 Neste novo ambiente mediático, um dos tipos de intelectual possível é o **intelectual comum**, que se define como sendo aquele que esbate a diferença entre o amador e o especialista

da informação, a partir da construção de utensílios ordinários de utilização quotidiana do saber, como as folksonomias nas redes sociais digitais ou as transcotomias nas redes sociais semânticas.

Post 9: a representação do intelectual na Web 3.0: a Wikipedia e o intelectual comum.

Em seguida, procederemos à apresentação de uma análise do discurso produzido e difundido por um sítio típico da Web 3.0, a Wikipédia. Como se sabe, a Wikipédia, *mais do que partilhar informação, comunica conhecimento sobre informação de base*. E fá-lo na forma de conceitos que são aí propostos, definidos, desenvolvidos, discutidos e modificados por qualquer utilizador da Internet, seja ele um especialista ou um cidadão comum em geral. Se nos blogs ou nas redes sociais digitais da Web 2.0 a informação é móvel e rapidamente disseminada, num *wiki* como a Wikipédia o próprio (e o mesmo) conteúdo da informação torna-se objeto de transformação incessante.

Este estudo sobre a Wikipédia foi realizado no projeto de investigação intitulado *Comunicação Pública da Arte*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e decorreu desde 2007 a 2011 sob minha coordenação.

No exemplo aqui reportado, analisámos a página desse *wiki* intitulada ‘Intelectual’, localizada em <http://en.wikipedia.org/wiki/Intellectual>. Uma tal estratégia pode fornecer uma das bases empíricas preliminares possíveis para a compreensão do utilizador da Web 3.0, embora restrito ao caso específico da Wikipedia. Antes de mais, distingamos dois planos principais deste processo.

O 1º é o **nível da comunicação social ou plano implícito do discurso**. Situamo-nos aqui num plano macrossocial, que considera as estruturas sociais contextualizadoras do utilizador na sua acção. Usaremos simultaneamente uma análise de conteúdo quantitativa e uma interpretação qualitativa. A estrutura social que

reteremos consiste, essencialmente, no ‘discurso’, neste caso aquele que a Wikipédia emite na suas *web pages*. Esse modo discursivo é interpretado e activado pelo visitante, um pouco à maneira que Anthony Giddens aponta: os agentes sociais desenvolvem o sentido da sua própria acção a partir do *mutual knowledge* ou conhecimento comum que têm das estruturas sociais. A actividade do utilizador reside, neste caso, na leitura, no comentário, na crítica ou na reescrita da página.

1ª questão: que **ideias e conceitos mais frequentes** se relacionam com o conceito principal ‘Intelectual’, título da página da Wikipédia lida e eventualmente comentada pelo visitante? Estas noções expressas na *web page* irão condicionar, directa ou indirectamente, a leitura e a escrita crítica do infonauta.

0148	intellectual	0013	class
0027	public	0013	century
0025	language_unit	0011	2004
0019	academic	0011	2006
0017	idea	0011	issue
0016	role	0011	ideology
0016	scholar	0011	academia
0015	life	0011	society
0015	university	0010	1997

Fig.1 Conceitos mais frequentes na página ‘Intelectual’ da Wikipédia

O termo ‘intellectual’ (v. Fig 1) distancia-se claramente dos outros, registando 148 menções, o que pode significar duas coisas. De um ponto de vista substantivo ou de conteúdo, o conceito parece ser tão importante na dimensão do discurso quanto a relevância que o intelectual quer conferir a si próprio na vida social, política e cultural. Numa perspectiva formal, tal proliferação sugere que se aplicaram, nesta página, poucos sinónimos do termo, pelo menos na língua inglesa. É o caso de ‘*scholar*’

(mencionado 16 vezes) que, para além da conotação de ‘intelectual’, ‘erudito’, ‘sábio’, inclui muitas vezes um sentido mais restrito, ou seja, significa o ‘intelectual académico’, ou mesmo o ‘bolseiro’ e o ‘aluno’.

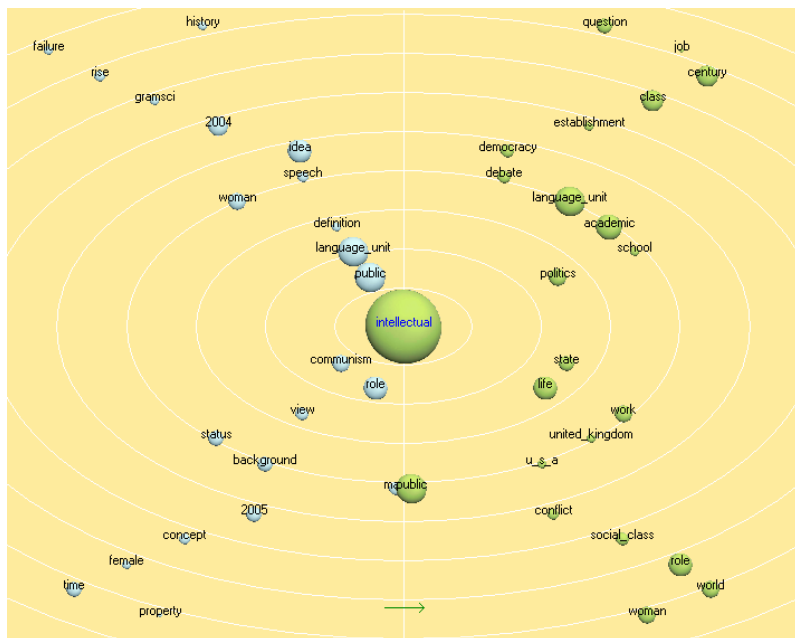


Fig.2 – Campo semântico do conceito ‘Intelectual’ na Wikipédia

A Fig.2 apresenta as relações conceptuais de uma maneira mais gráfica. Na imagem, as maiores proximidades espaciais entre as palavras correspondem a mais profundas proximidades de sentido, referidas à totalidade das frases do texto. À esquerda, situam-se os conceitos condicionantes do termo central ‘intelectual’, e à direita as noções por ele condicionadas. As ideias de ‘público’, ‘comunismo’ e ‘papel’ encontram-se em estreita vizinhança com o intelectual, significando que, de alguma forma, determinam este agente. Tais coincidências também se passam nas obras que comentámos na

primeira parte deste *paper*. Para além disso, se olharmos para os conceitos da parte direita da imagem da Fig.1, constataremos que o intelectual influi na ‘política’ e na ‘vida’ da ‘democracia’, através do ‘debate’ ‘público’ sobre ‘conflitos’ e o ‘establishment’ no ‘mundo’, etc.

Na Fig.3, estas relações aparecem expressas em termos mais precisos, a partir do nº de menções a esses conceitos, no texto da página em análise.

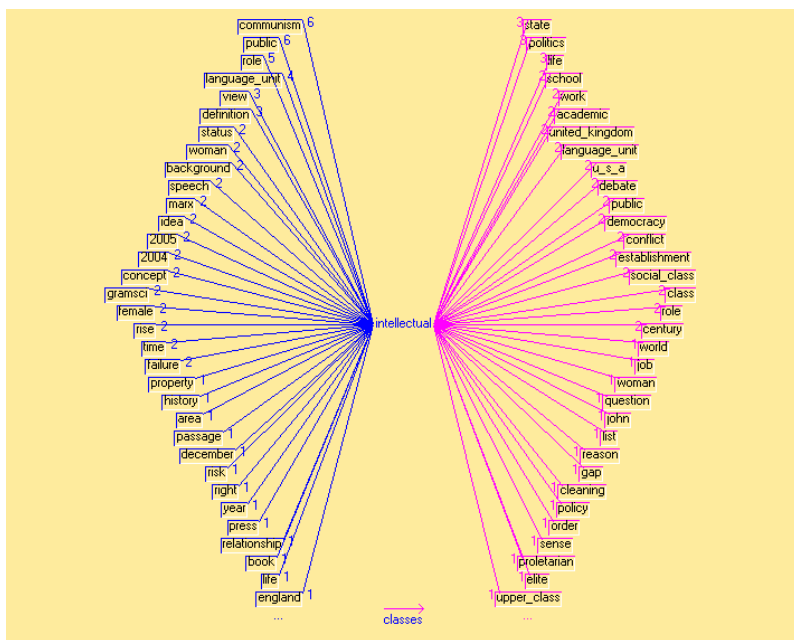


Fig.3 Rede de relações quantitativas do termo ‘Intelectual’ na Wikipédia

Para além disso, o **Thesaurus dos conceitos** da *web page* (Fig.4) organiza os campos semânticos mais notáveis dessa página e da vida social digital dos seus utilizadores, delimitando assim

um contexto social-semântico característico da Web 3.0. As ‘personalidades & indivíduos’ registam uma pontuação elevada (198 menções) bem como a conexão dos intelectuais às questões políticas e sociais (129). Repare-se nos sub-conceitos do campo semântico ‘comunicação & media’. Os modos de comunicação sobressaem, como o debate e a carta, ou a crítica e a discussão, e as referências ao jornalismo também são notórias.

2ª questão: qual o **itinerário retórico dos conceitos** mais relevantes do texto da página da Wikipédia cujo título é ‘Intelectual’? Tal como os conceitos e as suas relações, também as estratégias de persuasão influem nos modos de ler e de rescrever, em linha, o texto das páginas digitais pelo visitante.

0199	other concepts	0		
0198	people & persons	0		
0129	politics & society	0		
0115	time & dates	0		
0092	properties & characteristics	0		
0090	education & work	0		
0082	arts & culture	0		
0075	countries & locations	0		
0070	communication & medias	0		
0041	communication & information	1		
	0022 communication		2	
	0005 debate			3
	0006 letter			3
	0008 criticism		2	
	0005 critic			3
	0006 language & conversation		2	
	0003 discussion			3
	0003 meaning			3
0003	internet	1		
0009	news & medias	1		
	0008 media		2	
0009	newspapers & press	1		
	0006 journalism		2	
	0004 journalist			3
0003	television	1		
0058	sciences & techniques	0		
0055	thinkings & cognition	0		
0047	behaviors & feelings	0		
0043	health, life & casualties	0		
0023	things & substances	0		
0020	agriculture & environment	0		
0019	business & industry	0		
0014	crisis & conflicts	0		
0003	nature & wildlife	0		

Fig. 4 - Thesaurus dos conceitos da página “Intelectual” da Wikipédia

A Fig.5 testemunha o percurso argumentativo do conceito central ‘intelectual’ ao longo da respectiva página. Note-se que existem 3 picos de insistência dessa ideia, no início da página, no meio e no final.

Na Fig.6, observa-se a progressão dos principais conceitos da página em conjunto. As linhas verticais sinalizam as principais divisões estruturais da *web page* ‘Intelectual’. E a maior ou menor densidade dos termos em certas partes do texto são representados

pele maior ou menor comprimento das linhas horizontais. Por exemplo, fala-se muito da relação entre o intelectual, a sociedade e a esfera pública na 4ª secção definida. A parte seguinte ocupa-se extensivamente da academia ou da ligação da *intelligentsia* às questões do trabalho, classe social, ideologia e comunismo. As datas na última parte indicam a menção à bibliografia mais importante para a compreensão do tema central da página.

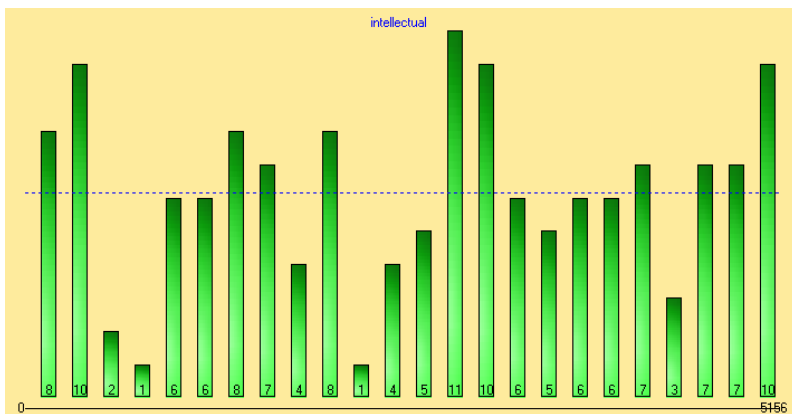


Fig.5 Percorso argumentativo do conceito ‘Intelectual’ na Wikipédia

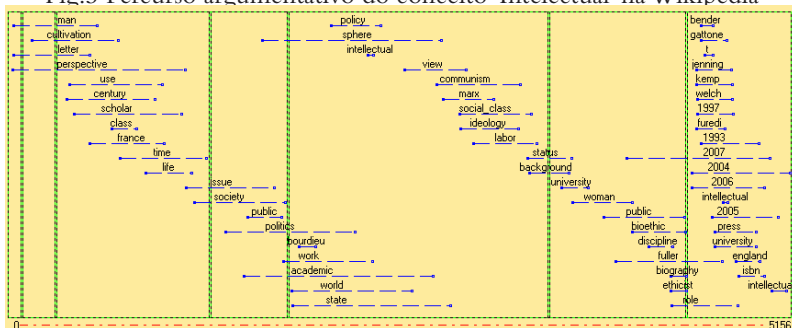


Fig.6 Itinerário retórico dos principais conceitos da página ‘Intelectual’ da Wikipédia

O 2º plano de pesquisa é o **nível manifesto ou da comunicação interactiva**. Encontramo-nos aqui num plano microssocial, no qual aplicaremos uma hermenêutica qualitativa ao discurso da web page considerada, a partir de 2 questões fundadoras:

- 1) Como é que o utilizador da Wikipédia estabelece uma **relação interactiva com o conteúdo** que é aí exibido?
- 2) E de que maneira essa articulação transforma a sua actividade numa intervenção de **intelectual comum**?

Para tentar responder a estas questões, observem-se os comentários, sugestões e modificações que qualquer infonauta pode realizar no próprio conteúdo das páginas da Wikipédia, dentro das regras especificadas para esse efeito para a comunidade virtual. Na página ‘Intellectual’, encontram-se 2 comentários: o primeiro critica a falta de referências ou fontes, o segundo sugere uma reformulação do próprio texto (Fig.7).

Role and failures of intellectuals

[edit]



	<p>This article may require cleanup to meet Wikipedia's quality standards.</p> <p>Please improve this article if you can. <i>(June 2008)</i></p>
	<p>This section does not cite any references or sources.</p> <p>Please help improve this section by adding citations to reliable sources. Unverifiable material may be challenged and removed. <i>(December 2007)</i></p>

Fig.7 Comentários à página ‘Intellectual’ da Wikipédia

Assim sendo, eis uma resposta possível à questão 1: o utilizador relaciona-se de forma activa com a informação recebida, ou seja, não somente lê a informação, como também a (re)escreve. A Wikipedia insere-se assim na *reading/writing web*, ou Web 2.0. São pelo menos três, as consequências de uma tal situação: (a) o utilizador detém alguma autonomia sobre a informação, em termos de

emissão da sua opinião sobre ela; (b) esta relativa independência da sua voz constitui uma condição necessária, embora não suficiente, para a democratização da Internet, ainda algo incipiente na primeira idade da rede, anterior à Web 2.0; (c) em terceiro lugar, a escrita opinativa confere-lhe um certo estatuto de autor ou, mais precisamente, de co-autor, embora limitado às condições dessa mesma intervenção que o produtor da página da Wikipédia lhe permite, seja ele um profissional da informação ou não.

A resposta à pergunta 2 pode ser enunciada da seguinte forma: a Wikipédia constitui uma espécie de enciclopédia digital global. Dito de outro modo, os conceitos aí definidos são produzidos e reproduzidos não apenas por especialistas, mas igualmente pelo cidadão comum ou ordinário. E se a conceptualização é uma das actividades mais correntes do intelectual, é legítimo afirmar que os conceitos da Wikipédia são reformulados continuamente pelo intelectual comum em que, por essa via, o infonauta se metamorfoseia.

Post 10. Conclusão: questões e pistas post posts

As relações entre o intelectual, a Web 2.0 e a Web 3.0, mostram-se ainda problemáticas. A via aberta pelo intelectual comum necessita de ser explorada: (a) tanto pela cooperação mais intensa entre os cidadãos no seio dos instrumentos colaborativos da *social web* e da *social semantic web*; (b) quanto através da construção de novas metodologias de reflexão e pesquisa que dissolvam o actual hiato entre o saber especialista e o conhecimento ordinário.

Para um tal debate, lanço em seguida mais 5 pistas de reflexão, na forma de 6 **questões para contextualizar as utopias globalizadas no terceiro milénio**. Os conceitos convocados por estes dessassossegos e respetivas perguntas encontram-se desenvolvidos em várias obras minhas indicadas na Bibliografia.

Questão 1: o que é a utopia e o que significa a eventual utopia da utopia

Vamos escolher viver numa utopia negativa (*ou-topia* ou não-lugar), ou optamos por uma utopia positiva (*eu-topia* ou lugar melhor)? Ou articulamos, dialeticamente, ambos os caminhos?

Questão 2: espaços sociais da vida diária: espaço público/público das democracias ou espaço púdico dos fundamentalismos?

Na dimensão do **espaço social do quotidiano**, a nossa vida encerra múltiplas **vias de vida**, decorrentes de tomadas de **posição** no seio do **espaço público e púdico** em democracia, ou consequentes de **sobreposições** e **subposições** no interior do **espaço púdico** dos fundamentalismos? Somos **solidários** e não **solitários**, ou o inverso?

Questão 3: tempo social do quotidiano: restos, rastos ou rostos?

Neste aspeto, cabe-nos decidir se queremos **restos** do passado, **rostos** de cidadãos atuantes, ou **rastos** que forneçam pistas para um futuro mais inclusivo? Dito de outro modo, almejamos ser **conservadores** ou **conversadores**?

Questão 4: esferas sociais de interesses: criação/invenção/inação?

As **democracias** podem revelar-se ‘**criativas**’ (segundo o jargão das artes), ‘**inventoras**’ (de acordo com o calão da ciência) ou ‘**inovadoras**’ (na gíria de economistas e políticos)? Em qual delas nos subscrevemos,

ou hibridizamos estas 3 vias de vida? Desejamos meros **contatos sociais**, ou **novos contratos sociais**?

Questão 5: História e sociologia da globalização: omni-modernidades ou/e pluri-modernidades?

No quadro das recentes deslocalizações da economia mas também das re-localizações das transculturas, seguimos o traço das **omni-modernidades** ou/e o traço das **pluri-modernidades**? As omnimodernidades constituem paradigmas de vários modelos mais particulares de sociedade, caracterizados pelo culto da razão, da mesmidade e do global. A modernidade Europeia e Ocidental constitui apenas um modelo particular do paradigma geral ‘omnimodernidades’. Por seu turno, as pluri-modernidades definem-se enquanto esboços de esboços mais específicos do social, circunscritos pelas culturas da sensação, das diferenças e do local. A nomeada pós-modernidade revela-se tão-so um dos caso possíveis das plurimodernidades. (Andrade, De novo, o que vamos seguir, perseguir ou prosseguir?

Questão 6: A Hibridologia nas multiculturas, interculturais ou transculturais?

Em suma, será que vivemos num mundo onde existem múltiplos encontros mas também encontrões e reconcontros, por ex. as hibridações ou **embates e debates**, entre povos, entre espaços e tempos, entre tipos e fluxos de capital, entre políticas (*policies* e *politics*), entre **interculturais e transculturais**? Estas e outras dialéticas e miscenizações podem ser entendidas, de uma feição mais profunda, por uma espécie de **Hibridologia**? A

Hibridologia não é uma disciplina (porque não é disciplinar) mas uma figura do saber forjada a partir de outros saberes, principalmente os saberes do Outro. Ou seja, constitui uma reflexão e uma prática sobre o híbrido, essa configuração social, que, na contemporaneidade, mais nos espanta (porque cria novos **medos de viver**), mas também na medida em que nos espanta (porque cria novos **modos de viver**)?

Bibliografia

Andrade, P. (2015). *Austerity History Through Sociological Comics*. North Charleston: Create Space.

Andrade, P. & Martins, M. (2015). *Cibercultura, Teoria e Métodos na Sociedade da Investigação: Guia Visual-Digital de Boas Práticas para Uso de Bases de Conhecimento Pedagógicas*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-CECS.

Andrade, P. (2011a). *Sociologia Semântico-Lógica da Web 2.0/3.0 na sociedade da investigação: significados e discursos quotidianos em blogs, wikis, mundos/museus virtuais e redes sociais semântico-lógicas*. Lisboa: Edições Caleidoscópico.

Idem (2011b). *Novas autorias / leitorias / actorias: escrita comum, literacias híbridas e anti-vigilâncias na Web 2.0*. Lisboa: Edições Caleidoscópico.

Idem (2011c). *Novela GeoNeológica nº 1: um caso de Literatura Transmediática/1ª Novela da Web 3.0*. Lisboa: Edições Caleidoscópico

Andrade, Pedro (2008). A sociedade da investigação e do jornalismo: boas práticas de cidadania participativa através da internet móvel e do social bookmarking. In “Helena Sousa; Sandra Marinho & Rui Passos Rocha” (Eds.), *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona* (pp.307-312). Braga: CECS.

Idem, (1997). Navegações no cibertempo: viagens virtuais e virtualidades da ciberviagem. *Atalaia*, 3, 111-124.

Idem, (1996). Sociologia (Interdimensional) da Internet. In *Actas do 3º Congresso Português de Sociologia, 7-9 Fev*, Lisboa: APS. [CD-ROM]

Baudrillard, J. (1982). *A l'ombre des majorités silencieuses ou la fin du social*. Paris: Denoel.

Beau, N. & Toscer, O. (2006). *Une imposture française*. Les Arènes.

Bender, T. (1997). *Intellect and Public Life. Essays on the Social History of Academic Intellectuals in the United States*. The Johns Hopkins Univ. Pr.

Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte*. S.Paulo: Companhia das Letras.

Buxton, D. et al (2006). *Les intellectuels de médias en France*. L'Harmattan.

Chomsky, N. (1998). *Responsabilités des intellectuels*. Agone.

Debray, R. (1986), *Le pouvoir intellectuel en France*. Paris: Gallimard.

Idem (2000). I.F., *Suite et fin*. Paris: Gallimard.

Giroux, H. (1988). *Teachers as Intellectuals. Toward a Critical Pedagogy of Learning*. Bergin & Garvey.

Jaeglé, C. (2007). *L'interview: artistes et intellectuels face aux journalistes*. Presses Universitaires de France , PUF

Janssens, T. (1999). *Les droit intellectuels dans la société de l'information*. Émile Bruylant.

Kouvouama, A. et al (2007). *Figures croisées d'intellectuels: trajectoires, modes d'action, productions*. Karthala.

Lagasnerie, G. de (2007). *L'Empire de l' Université: sur Bourdieu, les intellectuels et le journalism*. Ed. Amsterdam.

Leclerc, G.(2003). *Sociologie des intellectuels*. Presses Universitaires de France . PUF

Lemieux, E. (2003). *Pouvoir intellectuel: les Nouveaux Réseaux*. Denoel.

Lévy, B.-H. (1988). *Eloge des intellectuels*. LGE

Lindberg, V. (2008). *Intellectual Property and Open Source*. O'Reilly.

Lyotard, J.-F (1984). *Tombeau de l'intellectuel et autres papiers*. Galilée.

Méchoulan, E. (2005). *Le crépuscule des intellectuels*. Nota Bene.

Michael, J. (2000). *Anxious Intellectuals: Academic Professionals, Public Intellectuals, and Enlightenment Values*. Duke Univ. Pr.

Negroni, F. (2006). *Le savoir-vivre intellectuel*. Delga.

Posner, R. (2003). *Public Intellectuals: a Study of Decline*. Harvard Univ. Pr.

Rambach, A. & Rambach, M. (2001). *Les intellos précaires*. Fayard.

Said, E. (1996). *Representations of the Intellectual*. Vintage.

Sévillia, J. (2004), *Le terrorisme intellectuel*. Libr. Acad. Perrin.

Sokal, A. & Bricmont, J. (1999). *Impostures intellectuelles*. LGEF.

Spire, A. & Wolf, J. (1996). *Après les grands soirs: Intellectuels et Artistes face au politique*. Autrement.

Winock, M. (2006). *Le Siècle des intellectuels*. Seuil.

Wikipedia, 'Intellectual', <http://en.wikipedia.org/wiki/Intellectual>, Consultado em 24/11/2008.